

# syntesis<sup>®</sup>

REVISTA DA SYNGENTA EM PORTUGAL • JANEIRO 2017 • ANO 17

ALEXANDRA BRAND,  
DIRETORA REGIONAL DA  
SYNGENTA PARA A EUROPA,  
ÁFRICA E MÉDIO ORIENTE

“Queremos  
manter e  
incrementar  
o negócio em  
Portugal”

► EM FOCO - GRANFER

► SMARTFARM -  
QUINTA INTELIGENTE  
ENSINA BOAS PRÁTICAS

syngenta

# Estabilidade – o mote para 2017

O mundo agrícola está em constante evolução e o mercado português não é exceção. A nível de culturas, tipologia dos agricultores e dos pontos de venda, da distribuição, das áreas agrícolas, etc., o mercado português tem tido nos últimos anos enormes alterações a todos estes níveis. Todas estas mudanças obrigam as empresas a adaptarem-se à realidade e a Syngenta não foi exceção. Tivemos de nos ajustar à realidade do mercado e chegar a um ponto em que, no meu ponto de vista, estamos na condição ideal de proporcionar aos nossos parceiros de negócio uma estabilidade (rara, diga-se) para os próximos anos.

Estabilidade a nível de pessoas, com uma equipa focada na distribuição, na revenda e nos grandes agricultores, que nos permite estar em todos os mercados de Portugal continental e ilhas.

Estabilidade a nível de produtos, pois estamos a focar-nos num catálogo mais seletivo, com o qual podemos centrar-nos nos tratamentos chave de cada cultura e fazer lançamentos potentes de novos produtos (GEOXE é um bom exemplo de 2016). Para 2017 e para os próximos anos pretendemos seguir esta dinâmica: manter o catálogo atual e lançar novas soluções.

Estabilidade na distribuição, pois temos parceiros em cada região capazes de ser o nosso multiplicador no mercado. Acreditamos num futuro profícuo para a agricultura portuguesa e os nossos parceiros atuais são a ligação entre a Syngenta e o agricultor. A melhoria da relação com os nossos distribuidores é a pedra de toque que nos faltava para um crescimento sustentado no mercado português.

Em suma, creio que temos excelentes ali-cercos para um 2017 cheio de sucesso, que é meu desejo para os nossos parceiros de negócio e para todo o setor agrícola português.

**Paulo Machado**

*Sales Area Manager Portugal*

## ÍNDICE

### EM FOCO

> 3



**GRANFER**  
diversifica espécies  
e zonas de produção

### AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

> 6



**EQUIPA VENCEDORA**  
visita centro de I&D Syngenta  
em Londres

### À CONVERSA COM...

> 8



**ALEXANDRA BRAND,**  
Diretora Regional da Syngenta para a  
Europa, África e Médio Oriente  
«Queremos manter e incrementar o  
negócio em Portugal»

### COLABORADOR SYNGENTA

> 11



**CATARINA REIS,**  
Responsável de Registo  
«Critérios cada vez mais restritos e  
conservadores tornam difícil manter  
os produtos no mercado»

### À CONVERSA COM...

> 12



**ANTÓNIO LOPES DIAS,**  
Diretor-Executivo da ANIPLA  
«Não conseguiremos competir estando  
num mercado global, com regras locais»

### NOTÍCIAS SYNGENTA

> 14



**Syngenta levou agricultura  
de precisão à Agroglobal**



**SANIMILHO**  
Syngenta apresentou resultados  
das tecnologias Artesian e Lumax

## Granfer diversifica espécies e zonas de produção

**A Granfer tem realizado uma forte aposta no aumento da área de pomar de prunóideas e em 2017 iniciará um novo investimento em fruta sub-tropical, no Alentejo Litoral. A qualidade da fruta é trabalhada de forma integrada, com estratégias de rega, nutrição e proteção fitossanitária de baixo impacto ambiental.**

«Fazemos uma gestão integrada da produção, na qual a nutrição e a rega são componentes fundamentais, o resultado tem sido a melhoria contínua da quantidade e qualidade da nossa fruta», afirma Cristina Rosa, Coordenadora do Departamento de Produção Agrícola da Granfer. A estratégia tem-se mostrado acertada para minorar prejuízos causados por doenças, como a estenfiliose da pereira, um problema generalizado nos pomares de pereira do Oeste e que em 2016 esteve na origem de uma quebra considerável da produção regional de pera Rocha. Em contraciclo com a maioria dos produtores da região Oeste, os fruticultores associados da Granfer registaram um aumento de produção - um total de mais de 4.000 toneladas - face à campanha anterior, com a mesma área de pomares. «Tivemos menos problemas de estenfiliose em 2016 do que em anos anteriores. Acreditamos que uma gestão adequada da rega e da nutrição, é imprescindível para atingir equilíbrios nutricionais e promover as defesas naturais das plantas, reduzindo os prejuízos causados pelo fungo *Stemphylium vesicarium* Wallr.», acrescenta Cristina Rosa. Atendendo a que 90% da produção de



pera Rocha da Granfer é exportada para mercados externos, ao longo de 8 meses por ano, a conservação da fruta é uma questão prioritária. Há alguns anos a esta parte, o Departamento de Produção Agrícola da empresa adotou uma estratégia de controlo das principais doenças de conservação da fruta (podridões causadas por *Gloeosporium* spp. e *Penicillium expansum*) na fase de pré-colheita. «A opção de controlar o inóculo no campo trazia-nos, por vezes, alguns problemas de resíduos na fruta, porque as substâncias ativas dos fungicidas homologados tinham um período de degradação longo. Tornava-se difícil responder aos requisitos dos nossos clientes mais exigentes», recorda Cristina Rosa. A solução surgiu por via do Geoxe, um novo fungicida da Syngenta, indicado

**Em 2016 a Granfer recebeu 13.000 toneladas de pomóideas e prunóideas**

para tratamento dos frutos antes da colheita, visando protegê-los da primeira infeção que pode ocorrer no campo. «Consideramos o Geoxe uma solução eficaz, o número de picados que evoluem (após a colheita) é muito reduzido e tem outro aspeto muito positivo, o nível de resíduos na fruta fica sempre abaixo de 1/3 do LMR, que é o limiar aceite pelos nossos clientes, nomeadamente o mercado alemão», reconhece Cristina Rosa.

“ As futuras retiradas de substâncias ativas do mercado poderão pôr em causa o controlo de pragas secundárias que passarão a ser pragas chave ”

A aplicação do fungicida no campo apresenta outras vantagens, face à aplicação exclusiva em drencher na central: maior facilidade de aplicação do tratamento no pomar; diminuição do impacto ambiental resultante das águas residuais usadas na central e redução dos custos com o tratamento.

Toda a fruta recebida na central da Granfer é submetida a análises de resíduos e encaminhada por lotes para determinado perfil de cliente, mais ou menos exigente. «É prática aqui na casa que os produtores se esforcem por produzir ao nível do cliente mais exigente, desse modo estão à altura da qualidade exigida por qualquer cliente».

O uso de estratégias alternativas aos produtos químicos de síntese para controlo de pragas também tem contribuído para melhorar a qualidade e segurança alimentar da fruta: a confusão sexual no controlo do bichado (*Cydia pomonella* L.) é posta em prática em toda a área de peras e maçãs dos sócios da Granfer, há 10 anos consecutivos. A captura em massa da mosca da fruta (*Ceratitis capitata*) é utilizada em toda a área de maçã, nas variedades de pêssego, nectarina e ameixa de colheita após meados de Julho, em pera apenas é usada em anos de maior agressividade da praga, nas parcelas que são colhidas mais tarde.



“ A nossa produção de prunóideas foi sensivelmente melhor do que em 2015, com calibres maiores, mas tivemos uma quebra nas variedades mais precoces devido a geadas tardias em Fevereiro ”



“Consideramos o Geoxe uma solução eficaz, o número de picados que evoluem (após a colheita) é muito reduzido e o nível de resíduos na fruta fica sempre abaixo de 1/3 do LMR”, Cristina Rosa, Coordenadora do Departamento de Produção Agrícola da Granfer.



#### NOVOS FRUTOS, NOVAS REGIÕES

O espírito empreendedor dos sócios da Granfer motivou a expansão das áreas produtivas desta Organização de Produtores. Dos 10 associados da Granfer, Filipe Ferreira e Hélio Ferreira são sócios maioritários com 381 hectares, divididos em três zonas de produção: 220 hectares no Oeste (pera Rocha, maçã, damasco, ameixa, pêssago e nectarina), 81 hectares em Orjais, concelho da Covilhã (pêssago, nectarina, pera Rocha e maçã Bravo de Esmolfe) e 80 hectares em Mora (pêssago, nectarina, paraguaio, platarina e ameixa).

A estratégia de diversificação da Granfer iniciou-se no virar do milénio, com a aposta numa nova zona de produção –

Alentejo- de frutos de caroço (4.000 ton. em 2016), fazendo da empresa um dos principais players no mercado nacional. Com uma área de pera suficiente para abastecer os clientes (8.000 ton. em 2016), a aposta da empresa consiste em continuar a aumentar as áreas de pomar de macieiras das variedades Gala e Fuji (1.000 ton em 2016). A grande novidade é o investimento numa área de 200 hectares de pomar de uma espécie de fruta sub-tropical, no litoral alentejano. «É um projeto no qual estamos a trabalhar há cerca de 2 anos com um parceiro internacional e que contamos começar a implementar em Abril próximo», revela Cristina Rosa. 🍑

# Equipa vencedora visita centro de I&D Syngenta em Londres



Ensaio de herbicidas em plantas de trigo e cevada.

**A equipa vencedora das 24H Agricultura Syngenta 2016 visitou, a 30 de Novembro, o Centro de Investigação Jealott's Hill, nos arredores de Londres, onde trabalham 800 investigadores da Syngenta na descoberta e desenvolvimento de produtos inovadores para proteção das culturas e sementes de cereais.**

O Jealott's Hill é um centro de excelência dotado das últimas tecnologias em laboratório e estufa, recorrendo a equipas multidisciplinares nas áreas da Química, Biologia e Biotecnologia, auxiliadas por robots potentes e muito precisos no teste de novas moléculas e formulações. A experiência dos investigadores seniores é complementada com o arrojo e a inovação dos investigadores juniores, oriundos de várias partes do mundo.

Os estudantes do Instituto Superior de Agronomia, vencedores da competição 24H Agricultura Syngenta de 2016, ficaram a conhecer as diversas fases do processo de criação de um novo produto fitofarmacêutico. A obtenção das moléculas inicia-se nos laboratórios de Química. As equipas de Jealott's Hill dedicam-se especificamente à descoberta de

herbicidas, desenvolvendo por ano cerca 100 a 200 novas moléculas, a maior parte das quais não chega à fase comercial. A etapa seguinte decorre nos laboratórios de Biologia, onde são testados cerca de 50.000 compostos químicos por ano, tanto em enzimas, como em microplantas, insetos ou fungos. Com apenas algumas microgramas de composto são realizados milhões de ensaios, mas apenas 10% dos compostos passam à fase seguinte.

Nas estufas do Jealott's Hill realizam-se 3 séries de screening aos compostos químicos previamente triados em laboratório, com vista a testar o seu nível de atividade, espectro de ação, performance biológica, toxicologia e impacto ambiental. Durante a visita dos vencedores das 24H Agricultura Syngenta, decorriam tes-

tes em milho e cevada, semeados junto com as 16 infestantes mais comuns nestas culturas. As plantas são submetidas a condições de campo simuladas para diferentes regiões do globo e tratadas com herbicidas potenciais em doses da ordem das miligramas. Para maior celeridade e precisão de resultados, o processo de aplicação da calda é realizado por um robot. Dos cerca de 10.000 compostos testados nas estufas, a cada ano, apenas 1.000 a 2.000 compostos passam à fase de ensaio de campo nas estações experimentais da Syngenta.

Além das substâncias ativas, os cientistas de Jealott's Hill testam os outros componentes dos produtos, que chegam a conter 20 elementos na sua formulação - adjuvantes, estabilizadores, entre outros. Estes ajudam a preservar a substância ativa na embalagem e garantem que atua no alvo nas melhores condições. Um robot, desenvolvido exclusivamente para a Syngenta, dá uma ajuda preciosa no processo de formulação.

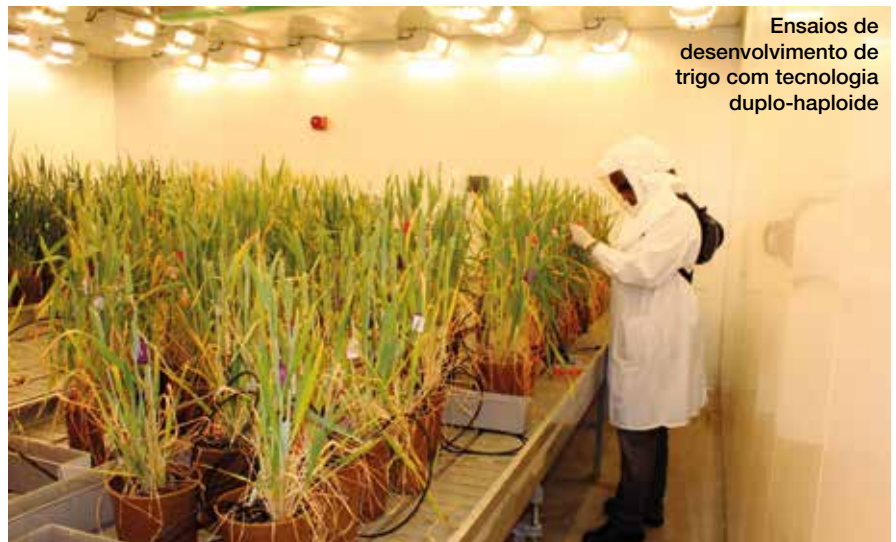
Quando um potencial produto chega à fase de desenvolvimento, é sujeito a uma enorme bateria de testes em todo o mundo, com inúmeras formulações e em mistura com outras substâncias ativas. Ao longo de todo o processo são realizados testes de segurança para o operador e

“ É uma verdadeira cadeia de produção de ciência ”

consumidor e de avaliação de risco para o ambiente (plantas e animais).

A Syngenta investe anualmente 1,4 mil milhões de euros em I&D, cerca de 10% da faturação global da empresa, em 150 centros de pesquisa em todo o mundo. Cada novo produto demora 10 a 12 anos a desenvolver, desde a descoberta da molécula da substância ativa base até ao seu lançamento comercial. O investimento associado é de 262 milhões de euros, dos quais 94 milhões de euros em testes de segurança ambiental e toxicológica. Em Jealott's Hill também são obtidas algumas das melhores variedades de trigo do mundo, usando a tecnologia duplo-haploide, que permite obter plantas homogêneas numa única geração, reduzindo o custo e o tempo de pesquisa. O objetivo dos cientistas é conseguir variedades de trigo mais produtivas, de forma mais célere. O custo associado à investigação de cada planta de trigo é estimado em 30€/unidade, por ano são testadas 75.000 plantas.

As 24H Agricultura Syngenta são uma competição formativa organizada pela Associação Portuguesa de Horticultura (APH), a IAAS Portugal -Associação Internacional de Estudantes de Agricultura e a Sfori, destinada aos futuros agrónomos, com vista a porer à prova os seus conhecimentos, atitudes e competências. O presidente da APH, Domingos Almeida, que no início da sua carreira teve oportunidade de realizar um estágio profissional no Centro de Investigação Jealott's Hill,



Ensaio de desenvolvimento de trigo com tecnologia duplo-haploide



Laboratório de formulações

considera que «os futuros profissionais puderam antever o pipeline da inovação e a forma como as ferramentas disponíveis daqui a 10 anos resultam de estratégias implementadas agora por empresas como a Syngenta. O futuro não é deixado ao acaso e já está a ser construído. É em centros como este que se obtém uma

visão a 360° do que é a gestão organizacional do conhecimento para suportar a inovação».

**A edição de 2017 das 24H Agricultura Syngenta decorrerá a 1 e 2 de Abril, na Escola Superior Agrícola do Instituto Politécnico de Coimbra.**



Os vencedores das 24H Agricultura Syngenta - António Lourenço, Ricardo Soares Santos, Bernardo Saianda, Guilherme Moura Neves e Francisco Medeiro - apreciaram a visita a Jealott's Hill, como se depreende por alguns comentários registados no final da visita:

«Foi uma dia de formação estrondosa, percebi como as diversas áreas de pesquisa se interligam até ao desenvolvimento de um novo produto, e compreendi todo o esforço envolvido, que explica porque demora 10 anos a ser lançado no mercado».

«A dimensão, a quantidade de pessoas envolvidas na criação dos produtos, toda a importância que dão à I&D, até ao pormenor das formulações, não tinha noção do investimento envolvido».

«É impressionante a especialização de cada equipa de investigadores, a compartimentação do trabalho, por um lado, mas por outro, todos comunicam entre si para um objetivo comum. É uma verdadeira cadeia de produção de ciência».

# «Queremos manter e incrementar o negócio em Portugal»

Veja o vídeo:



Alexandra Brand assumiu funções na Syngenta há cerca de um ano, após uma longa carreira na concorrente BASF

**Numa entrevista concedida a 1 de Dezembro, em Madrid, Alexandra Brand, Diretora Regional da Syngenta para a Europa, África e Médio Oriente, desmistifica os impactos da compra da companhia pela ChemChina, e revela que a Syngenta vai ajudar a financiar a agricultura portuguesa.**

Antes de responder aos jornalistas em conferência de imprensa, Alexandra Brand fez uma curta introdução, antecipando o rumo da conversa – o processo de aquisição da companhia pelo grupo chinês ChemChina e a concentração da indústria. A Syntesis quis saber o que vai acontecer em Portugal.

«A Agricultura é historicamente afetada por ciclos de altos e baixos e nos últimos três anos enfrentamos um cenário de

preços muito baixos das commodities, embora com colheitas abundantes. Os agricultores não estão a ser devidamente remunerados pelo seu trabalho, o que afeta o negócio da indústria de proteção das plantas, esta é a principal causa para o presente cenário de concentração da indústria. Quatro das cinco principais multinacionais do setor optaram por realizar fusões – Bayer, Monsanto, Dupont, Dow –, o que terá como consequência

a perda de empregos. A Syngenta, por seu turno, não está em processo de fusão, mas apenas a mudar de acionista – ChemChina –, um parceiro que tem uma estratégia global de longo prazo, com vista a uma agricultura sustentável».

**A Comissão Europeia (CE) está a investigar a aquisição da Syngenta pela ChemChina. Porquê?**

Está a decorrer um processo normal de investigação anti-trust pela Comissão Europeia, nomeadamente pelo facto de a Adama (formalmente é designada de Makhteshim Agan, fabricante israelita de genéricos de produtos fitofarmacêuticos) fazer parte do grupo ChemChina, embora nós tenhamos dado garantias de que não ocorrerá uma fusão entre a Syngenta e a Adama. A precaução da CE justifica-se pelo facto de estarem em curso várias fusões entre multinacionais na área da indústria de proteção das plantas e sementes, pelo que a CE precisa de mais tempo para avaliar o processo e garantir que não há problemas de concorrência. A Syngenta está a prestar toda a informação necessária à investigação das au-



“A equipa portuguesa tem tido muito sucesso a implementar e a melhorar o negócio da companhia”

toridades europeias. Estou confiante de que no final do 1º trimestre de 2017 a CE estará em condições de dar luz verde à aquisição.

**Prevê-se a reestruturação da Syngenta após a aprovação do negócio pela CE?**

A Syngenta vai continuar a ser a Syngenta. Não vai acontecer qualquer fusão com a Adama, nem qualquer reestruturação, e menos ainda na Europa. A nossa missão é a I&D de produtos para proteção das culturas e sementes e vai manter-se assim. Estamos a pôr em prática o que faz sentido do ponto de vista empresarial, melhorando o negócio onde é necessário. Em Espanha contamos com cerca de 500 colaboradores, unidades de I&D, fábricas e uma excelente equipa comercial, queremos manter-nos assim e fazer crescer o negócio.

**No futuro, a Syngenta vai manter a presença em Portugal, com o escritório e a equipa local?**

Com toda a certeza que sim. A equipa portuguesa tem tido muito sucesso a implementar e a melhorar o negócio da companhia, os reflexos desse trabalho foram especialmente visíveis neste último ano, por isso queremos manter e incrementar o negócio em Portugal, sem qualquer sombra de dúvida. Estamos à procura de soluções para ajudar a financiar os agricultores e o canal (de distribuição) em Portugal. Em parceria com um banco sólido, que está bem implementado no setor agrícola, a Syngenta vai ajudar a financiar parte do negócio e parte do ciclo das culturas. É algo que acrescenta valor a países que, como Portugal, atravessam uma conjuntura económica difícil e que está em linha com o nosso modelo de inovação. Estas soluções serão lançadas muito em breve.

**E quanto ao negócio das sementes, vai ser afetado pela aquisição da ChemChina?**

No segmento das sementes também não haverá qualquer mudança, nem fusão com o negócio da ChemChina. Somos a 3ª maior empresa sementes a nível glo-



bal e queremos reforçar esta posição, no curto prazo, e temos a ambição de subir ao 2º lugar. Na Europa já ocupamos uma terceira posição forte, liderando nas sementes de girassol, detendo um lugar de destaque nas sementes hortícolas e nas oleaginosas. Estamos a alavancar o negócio do milho, que já é muito forte no Leste da Europa, na Rússia, na Roménia, na Bulgária, mas queremos fortalecer a posição na Alemanha, Polónia, Itália e França.

**Que benefícios podem resultar para os agricultores da aquisição da Syngenta pela ChemChina?**

O maior benefício é a prática de uma agricultura sustentável no futuro. Começamos esta viagem com o nosso Good

“Em parceria com um banco sólido, a Syngenta vai ajudar a financiar os agricultores portugueses”

Growth Plan (GGP), olhando não apenas para o aumento da produtividade das culturas, mas também para toda a pegada ambiental gerada pela agricultura, para a dimensão social, da formação e da segurança dos trabalhadores. Estas orientações estão a 100% na agenda da

ChemChina, que está completamente alinhada com a estratégia da Syngenta. Seremos muito mais fortes a criar e vender produtos que contribuem para uma agricultura sustentável. Através do GGP conseguimos aumentar a produtividade de algumas culturas em 2% nos últimos 2 anos, com menos inputs (fertilizantes, pesticidas), usando melhores tecnologias de sementes e práticas agrícolas. Este conhecimento é precioso e está disponível para os agricultores, é nesta direção que vamos continuar a inovar. Um exemplo, é a nossa tecnologia de cevada híbrida Hyvido, disponível também em Espanha. Mais do que um pacote de sementes híbridas, oferecemos um conjunto de tecnologias integradas para obter mais rendimento na cultura, através do controlo das infestantes mais resistentes de forma sustentável, de tratamentos fungicidas mais eficazes e de rotação com culturas oleaginosas.

**Que alterações vão ocorrer na Administração da Syngenta?**

O Conselho de Administração Executivo vai manter-se como está e a sede da empresa continuará a ser em Basileia, na Suíça. A ChemChina estará representada no Conselho de Administração com 4 administradores independentes, que formarão um minoria de bloqueio para temas como políticas de compliance, pipeline de inovação, entre outros. O Presidente será nomeado pela ChemChina e o vice-presidente será Michel Demaré (atual Presidente da Syngenta). Devido ao contrato de governance que foi assinado não será possível a ChemChina alterar a política da companhia. De qualquer modo, não é essa a intenção da ChemChina.

**Que produtos inovadores estão no pipeline da Syngenta?**

Em 2018 lançaremos na Península Ibérica uma nova substância ativa – Solatenol -, que já está no mercado em França, no Reino Unido e na Alemanha. Trata-se de

“ Em 2018 lançaremos na Península Ibérica uma nova substância ativa - o Solatenol ”



um fungicida para cereais, a maior inovação da Syngenta na Europa nos últimos 10 anos. Um verdadeiro blockbuster!

**Considera que a concentração da indústria de proteção das plantas representa um risco para os agricultores europeus?**

A agricultura está a passar por um período de baixa, e a inovação é cara, porque há cada vez mais exigências legais (segurança de aplicação, impacto ambiental) para lançar os produtos no mercado. A indústria quer e vai continuar a inovar para acrescentar valor ao mercado da produção de alimentos. Neste contexto, a concentração da indústria é positiva, porque vai permitir que continuemos a inovar. As autoridades querem garantir que os consumidores e os agricultores não serão afetados pelo aumento dos preços e quando terminar o processo de investigação, vamos provar que assim é.

**Qual a influência dos acordos internacionais de livre comércio na Agricultura?**

O TTIP está claramente fora da agenda, depois da eleição presidencial nos EUA, pode haver outras ideias sobre o acordo de comércio da região Ásia-Pacífico com

os EUA e o acordo de comércio UE-Canadá não está bem consolidado. A imprevisibilidade é grande. O que está nas nossas mãos é construir uma União Europeia forte no mercado global. O Brexit veio enfraquecer a posição da UE, e por isso deve haver um consenso entre os países-membros sobre o que nos torna fortes e sobre o papel da agricultura na economia europeia. Cada país deve erguer a voz e defender uma Política Agrícola Comum que torne a agricultura europeia forte e competitiva. Elegemos os políticos e eles trabalham em nome dos cidadãos europeus.

**Após 2020 é provável que o orçamento da PAC se reduza. Como deve o setor atuar para evitar esse corte?**

Com o Brexit certamente haverá menos dinheiro disponível para a UE, e nomeadamente para a agricultura. Não sabemos que contornos assumirá a PAC após 2020, no entanto, sou defensora de mais apoios à formação e educação dos agricultores ao longo da vida, porque a tecnologia avança de forma acelerada e a agricultura tem de a acompanhar. A negociação da PAC será um processo demorado e renhido. ■

# «Critérios cada vez mais restritos e conservadores tornam difícil manter os produtos no mercado»

**Catarina Reis, Responsável de Registo da Syngenta em Portugal, vê com preocupação a desigualdade de critérios de avaliação dos produtos fitofarmacêuticos, entre a União Europeia e os mercados seus concorrentes, que põe em causa a competitividade dos agricultores portugueses.**



## **Qual a sua função atual na Syngenta e percurso profissional anterior?**

Tirei o Mestrado em Engenharia Agronómica na área da Proteção de Plantas no Instituto Superior de Agronomia e estou neste momento a terminar o Doutoramento na mesma área, ambos relacionados com o projeto Operation Pollinator da Syngenta. Assim, o meu percurso profissional inicia-se com a Syngenta, onde atualmente desempenho a função de responsável de registo, e também algumas funções na área de stewardship e sustentabilidade.

## **A Syngenta vai lançar o Ampligo no mercado português em 2017. Que expectativas há sobre o impacto deste produto na agricultura nacional?**

O Ampligo é um produto que esperamos que tenha um grande sucesso. Com a crescente pressão ao nível das entidades reguladoras, os produtos fitofarmacêuticos, nomeadamente inseticidas, têm sofrido grandes restrições. Apresentar uma nova solução será sempre uma mais-valia para a agricultura e, neste caso, para aumentar a competitividade dos agricultores portugueses, especialmente da indústria do tomate, batata e milho.

## **Está em constituição pela DGAV uma Bolsa de Peritos externos de avaliação de produtos fitofarmacêuticos. Crê que esta medida poderá ajudar à maior celeridade na resposta dos serviços oficiais à autorização de produtos fitofarmacêuticos?**

Neste momento, o número de técnicos especializados na DGAV é insuficiente para o volume de trabalho que existe. O objetivo do desenvolvimento de uma bolsa de peritos é precisamente aumentar a capacidade de resposta da DGAV face ao número de produtos em avaliação e face à crescente complexidade de avaliação que é necessária. Acredito que aumentando o número de técnicos avaliadores haverá potencial para tornar as avaliações mais céleres.

## **A viabilidade da agricultura europeia está sob pressão devido à crescente diminuição de soluções para combater pragas, doenças e infestantes. Como sente este problema em Portugal?**

Cada vez mais as entidades avaliadoras, como seja a Comissão Europeia, a EFSA e a ECHA, estão mais conservadoras nas suas abordagens de avaliação, o que resulta em critérios cada vez mais restritos e conservadores que tornam mais difícil a possibilidade de manter as substâncias ativas e, conseqüentemente, os produtos

fitofarmacêuticos no mercado. Tendo em conta que são necessárias dezenas de anos e vários milhões de euros para desenvolver uma nova molécula e/ou produto, o impacto da sua retirada é muito significativo. Quando pensamos que na União Europeia existem cada vez mais restrições à tecnologia para proteção de plantas, que não existem noutros lugares do mundo, como seja a América, esta situação limita em muito a competitividade dos agricultores portugueses ao nível da produção e exportação de produtos agrícolas.

## **A manutenção de produtos no mercado depende também da sua correta utilização. Que atividades ou instrumentos têm vindo a ser desenvolvidos pela Syngenta para a promoção do uso seguro?**

A Syngenta tem desenvolvido várias soluções em diferentes áreas, por exemplo através de divulgação de informação sobre uso seguro de sementes tratadas, ou ainda o equipamento Heliosec, uma solução para tratamento de efluentes fitossanitários (restos de calda e águas residuais), que também contribui para redução da contaminação das águas. Mais recentemente foram também desenvolvidos alguns folhetos sobre redução da deriva de pulverização, que serão lançados em 2017. ■

# “Não conseguiremos competir estando num mercado global, com regras locais”



**António Lopes Dias, Diretor-Executivo da ANIPLA, apela aos agricultores que não baixem os braços na defesa da manutenção das tecnologias de proteção das plantas vitais ao futuro da agricultura nacional.**

**Grande parte da sua carreira profissional foi passada na Syngenta. Como olha hoje para a empresa?**

Comecei em Janeiro de 1988 na Ciba-Geigy, mais tarde, em 1997, houve a fusão com a Sandoz de que resultou a No-

vartis, e no final de 1999, fruto da fusão dos negócios da Astra Zeneca e da Novartis, ocorreu a formação da Syngenta, onde estive até ao final de 2011. Hoje vejo a Syngenta como um dos associados da ANIPLA e um dos principais players no

nosso mercado, a nível nacional e mundial. É das empresas que mais investe em investigação e desenvolvimento para o futuro da agricultura.

**Como vê os atuais movimentos de concentração na indústria de proteção das plantas a nível internacional? Que consequências para o mercado português?**

Estas movimentações sempre existiram, o que me diz a experiência é que após um primeiro impacto, que é um pouco mais emocional do que racional, as coisas acabam por se equilibrar. A concentração também abre oportunidades e é mais um rearranjo do xadrez. Três das empresas de que estamos a falar não estão diretamente no mercado português- Dow, Dupont, Monsanto -, por isso não antecipo grandes alterações em Portugal.

**A Anipla realizou um estudo de impacto, segundo o qual 810M€ de rendimento agrícola ficarão em risco, num cenário de eventual retirada do mercado nacional de 112 substâncias ativas (s.a.). A indústria e as entidades oficiais portuguesas podem evitar que esta retirada aconteça?**

A indústria e as entidades oficiais portuguesas são apenas uma das partes interessadas. Os principais afetados são os agricultores e as suas organizações, que devem unir-se com os parceiros do setor para evitar que este cenário hipotético se concretize. Sinceramente, não acredito que aconteça com a dimensão que a ANIPLA projetou no estudo, mas o problema da retirada de s.a. pode vir a evoluir num sentido muito prejudicial à agricultura portuguesa. As s.a. são limitadas ou retiradas a pouco e pouco do mercado, o setor não se dá conta do impacto global da retirada. O objetivo da ANIPLA foi determinar a dimensão do problema, recorrendo a informação prestada pelas principais organizações e associações de agricultores envolvidas nas culturas em causa, em função das quais calculámos o impacto económico teórico. Este estudo é uma excelente ferramenta para alertar os agricultores, os técnicos e os políticos e para determinar o impacto económico de determinados problemas fitossanitários nas culturas em análise.

**Tem ideia do número de s.a. que foram retiradas do mercado português, ou que sofreram limitações de aplicação?**

Não sei precisar o número exato. Totalmente proibidas não foram muitas, mas ocorreram ao longo dos últimos anos grandes limitações a várias s.a. É uma avaliação que a ANIPLA terá de fazer.

**A ECPA realizou um estudo de impacto a nível europeu semelhante ao da ANIPLA, avaliando a retirada simultânea de 75 s.a. da UE. As conclusões de ambos são coincidentes?**

A conclusão é que os produtos fitofarmacêuticos são essenciais para a produtividade e a qualidade da agricultura e que na maioria dos casos é simplesmente impossível produzir sem recurso a fitofármacos. A ANIPLA vai lançar em 2017 uma forte campanha nos media alertando a sociedade para esta questão, será uma adaptação da campanha da European Crop Protection Association (ECPA) – “With or Without” – que já decorre noutros países da UE.

**A retirada de substâncias ativas do mercado europeu não se afigura de fácil substituição. Porquê?**

No virar do milénio foram retiradas do mercado europeu várias centenas de s.a., mas o pipeline das empresas nesse período estava bem preenchido e foi relativamente fácil substituir as que saíram, por novas. O Regulamento comunitário 1107/2009 veio introduzir regras que implicam custos mais avultados no desenvolvimento de novas s.a., e o tempo necessário ao desenvolvimento de cada novo fitofármaco passou de 8 para 12 anos. Isto torna a Europa menos apetecível ao investimento por parte da indústria e, por isso, hoje em dia há muito menos produtos no pipeline das empresas para substituir os que são retirados do mercado.

**Existem perspetivas de que os critérios de avaliação atuais, baseados no perigo e não no risco das s.a., possam vir a ser alterados?**

Em 2017 começará a discussão pública de revisão do Regulamento 1107, que estará pronto no final de 2018. Temos a esperança de que os critérios sejam revistos, ponderando o risco-benefício, e sobretudo uma avaliação que tenha muito mais a ver com a Ciência e menos com a política. O outro ponto de esperança é que os agricultores nunca baixem os braços, porque eles são os principais interessados e têm a força para mover esta gigantesca massa burocrática política que está em Bruxelas com toda a sua inércia. Nós, indústria, seremos sempre vistos como parte interessada no assunto, por isso sem um movimento forte e visível dos agricultores e das organizações que representam a produção e a exportação de alimentos na Europa, os políticos não vão alterar a sua forma de atuar, até porque são muito pressionados por outras organizações com grande impacto junto da opinião pública, como é o caso das ONG. Não conseguiremos competir estando num mercado global, com regras locais.



Heliosec, sistema de tratamento de efluentes fitossanitários instalado na SmartFarm

**A ANIPLA acaba de inaugurar a Smart Farm, instalada na Companhia das Lezírias. Que expectativas tem neste projeto?**

Enormes. É um projeto que tem três públicos-alvo: o setor agrícola, o público em geral e o poder político. Os agricultores e técnicos podem receber formação na SmartFarm, já lá realizamos algumas ações do TOPPS, os alunos do ensino secundário e das universidades podem visitá-la e será um excelente meio de comunicação com a classe política, que precisa de ser sensibilizada para a importância da agricultura na economia nacional.

**Há um programa estruturado para visitar a SmartFarm?**

Agendaremos visitas com as entidades interessadas, faremos pelo menos uma visita por mês. Temos 2 modalidades: as visitas mais técnicas dirigidas a profissionais, com formação sobre preparação das caldas, uso de bicos anti-deriva, tratamento de efluentes, etc e as visitas mais lúdicas e pedagógicas, para as escolas.

**A 1ª fase da Smart Farm está instalada. O que se segue numa 2ª fase?**

Evoluiremos de forma contínua na mostra de equipamentos e tecnologia. Em breve teremos duas estações fixas, uma para demonstração dos bicos de pulverização e outra para mostra do efeito benéfico da cobertura do solo na diminuição da erosão, no âmbito do projeto TOPPS. O espaço será enriquecido com informação sobre Produção Integrada e na zona da

vinha da Companhia das Lezírias, serão instaladas margens funcionais de espécies vegetais que permitem a manutenção e o incremento da população de insetos polinizadores (projeto Operation Pollinator).

**Que novidades em 2017 no projeto “Cultivar a Segurança”?**

Vamos continuar a integrar o projeto “Cultivar a Segurança” na SmartFarm, a vantagem desta quinta modelo é a implementação no mesmo local de um conjunto de projetos da ANIPLA e da ECPA. Por exemplo, na Companhia das Lezírias todos os aplicadores têm equipamentos de proteção individual (EPI), tanto na zona de armazenamento como de enchimento e lavagem dos pulverizadores. O sistema de transferência fechada também é lá usado, minimizando riscos durante o enchimento dos depósitos e na lavagem das embalagens vazias. Em 2017 teremos uma campanha dedicada aos EPI. A todos os participantes no projeto TOPPS estamos a oferecer um kit de proteção individual.

**Em 2017, a ANIPLA organiza o Simpósio “Inovação e Tecnologia na Produção de Alimentos”, a 23 de Março no Porto e a 30 de Março em Lisboa. Como será?**

Acabámos de anunciar o evento, faz sentido realizar o simpósio em Lisboa e no Porto. Inovação e tecnologia, porque é assim que vemos o futuro da agricultura. E neste momento não posso acrescentar mais nada.👉

## › Syngenta levou agricultura de precisão à Agroglobal

A Syngenta apresentou na Agroglobal, de 7 a 9 de Setembro, em Valada do Ribatejo tecnologias que ajudam a melhorar a qualidade e produtividade das culturas: sementes de milho resistentes ao stress hídrico; drones com câmaras multiespectrais para diagnóstico do estado das culturas e equipamentos para melhoria da calibração dos pulverizadores. No dia 8 de Setembro a Syngenta recebeu cerca de 130 clientes, entre distribuidores, técnicos da distribuição e da revenda e agricultores, vindos de várias regiões do país, no seu stand e no campo de demonstração Syngenta na Agroglobal.

No stand da Syngenta os convidados assistiram à apresentação de soluções que visam a melhoria da eficácia dos produtos fitofarmacêuticos, contribuindo simultaneamente para a proteção dos cursos de água e do solo. No campo, os grupos passaram por duas estações de demonstração, a primeira dedicada à teledeteção com drones, que incorporam sensores multiespectrais para recolha de imagens aéreas das culturas, com vista ao diagnóstico do estado da parcela e ajuste dos inputs necessários à cultura. A Syngenta usa esta tecnologia em projetos de melhoria das culturas do girassol, colza, trigo e vinha.

Na segunda estação de demonstração esteve em destaque a tecnologia Artesian, que permite às variedades de milho obterem produtividades mais altas em condições ótimas de rega e a expressarem todo o seu potencial produtivo mesmo quando expostas a situações de stress hídrico. No campo de demonstração foram também apresentadas duas soluções herbicidas do programa Syngenta para a cultura do milho: o Lumax e o Elumis.



## › Syngenta no IX Simpósio Ibérico de Maturação e Pós-Colheita

O IX Simpósio Ibérico de Maturação e Pós-Colheita reuniu mais de 100 investigadores, técnicos das centrais fruteiras e responsáveis das cadeias de grande distribuição alimentar, num debate em torno da melhoria da qualidade pós-colheita das frutas e legumes. O evento, realizado de 2 a 4 Novembro, no ISEG, em Lisboa, foi coorganizado pela Associação Portuguesa de Horticultura (APH) e pela Sociedade Espanhola de Ciências Horticolas (SECH). A Syngenta participou numa das sessões plenárias do evento sobre o tema "Fludioxonil, gestão integrada no controlo de doenças de conservação", apresentação realizada por Maria do Carmo Pereira, responsável de fungicidas da Syngenta para a Península Ibérica. «O nosso portfólio de fungicidas é clássico, tem 15 a 20 anos de mercado, com moléculas de excelente eficácia e produtos renovados com novas formulações, mas chegou o momento de apresentar novas alternativas. Os agricultores precisam de soluções eficazes em que possam confiar para produzir e entregar fruta e legumes de qualidade, com baixos níveis de resíduos, em mercados de exportação longínquos», afirmou Maria do Carmo Pereira.

A Syngenta recomenda uma gestão integrada das doenças de conservação com base no Fludioxonil, posicionada no campo, com aplicação de Geoxe 3 e 10 dias antes da colheita da fruta, e nas centrais fruteiras, com aplicação de Scholar em pós-colheita.





## › Syngenta renova website www.syngenta.pt

A nova plataforma foi redesenhada na íntegra, de modo a constituir o cartão de visita da Syngenta em Portugal. A linguagem web utilizada (responsiva) torna-a dinâmica, de fácil navegação e acessível a partir de qualquer dispositivo - smartphone, tablet ou PC.

O objetivo desta nova plataforma é melhorar a acessibilidade, oferecer conteúdos organizados de maneira mais intuitiva e chegar a todos os públicos de um modo mais interativo.

Além de facilitar o acesso a todos os produtos, catálogos e aconselhamento técnico sobre tecnologias de proteção das culturas e genética de sementes, há novos conteúdos de carácter informativo, nomeadamente sobre o compromisso da Syngenta com a Agricultura Sustentável através do programa de compromissos para 2020 - "The Good Growth Plan" e acesso direto ao nosso blog em português.



## › SaniMilho- Syngenta apresentou resultados das tecnologias Artesian e Lumax

A Syngenta participou no dia de campo SaniMilho, em Coruche, a 28 de Setembro, onde realizou ensaios com as suas variedades de milho Hydro e Helium, aplicando o programa de proteção fitossanitária em pré-emergência Lumax.

Cerca de 180 participantes observaram os resultados dos campos de ensaio de milho, na Estação Experimental António Teixeira em Coruche, onde decorre o projeto de investigação aplicada SaniMilho. Este ano estiveram em teste três densidades de sementeira - 85.000, 95.000 e 105.000 plantas/hectare - no pivot de milho instalado.

Nas parcelas semeadas com as variedades Hydro e Helium verificou-se boa sanidade das plantas e o terreno encontrava-se totalmente livre de infestantes, comprovando a eficácia da estratégia de aplicação do herbicida Lumax em pré-emergência da cultura e das infestantes, em comparação com outras parcelas do pivot, onde outras empresas usaram estratégias de controlo de infestantes em pós-emergência.

Paralelamente ao dia de campo, decorreu na Estação Experimental António Teixeira a assinatura do protocolo de constituição do InovMilho-Centro Nacional de Competências das Culturas do Milho e Sorgo, criado pela Anpromis, o INIAV, a Câmara Municipal de Coruche, com a participação de 35 entidades públicas e privadas.



## › Fórum para o Futuro da Agricultura

28 Março 2017,  
Bruxelas, Bélgica

O Fórum para o Futuro da Agricultura (FFA) é uma iniciativa da ELO (European Landowners' Organization) e da Syngenta, onde anualmente se reúnem entidades de vários quadrantes da Sociedade para discutir o rumo que a Agricultura Europeia deve seguir para responder aos desafios da segurança alimentar e ambiental.



FORUM FOR THE FUTURE OF AGRICULTURE



Um planeta,  
seis compromissos  
para 2020

the  
good  
growth  
plan



Tornar as  
culturas mais  
eficientes



Recuperar  
terras  
cultiváveis



Promover a  
biodiversidade



Capacitar  
pequenos  
agricultores



Ajudar as  
pessoas a se  
manterem seguras



Cuidar  
de cada  
trabalhador



[www.goodgrowthplan.com](http://www.goodgrowthplan.com)

**FICHA TÉCNICA:**

Cordenação editorial e redação: Comunicland - Comunicação e Marketing Lda | [geral@comunicland.pt](mailto:geral@comunicland.pt)

Design Gráfico: Pixelpower, Lda | [geral@pixelpower.pt](mailto:geral@pixelpower.pt)

Esta publicação é propriedade da Syngenta Crop Protection Lda. Proibida a reprodução sem a autorização prévia.

Syngenta C.P. Lda. • Av. D. João II, Torre Fernão Magalhães, n.º43 - 11.º Piso, Parque das Nações, 1990-084 Lisboa  
Telf.: 217 943 200 • Fax: 217 943 230 • [www.syngenta.pt](http://www.syngenta.pt) • [contacto.portugal@syngenta.com](mailto:contacto.portugal@syngenta.com) • N.º Azul: 808 200 010

© Copyright Syngenta C.P. 2017 • © Marca Registada Syngenta Crop Protection AG, Basileia, Suíça

syngenta